

# Percepções de jovens sobre conflitos e violências na escola

**Nalayne Mendonça Pinto**

Professora da UFRRJ

O artigo apresenta as falas de alunos de duas escolas públicas municipais sobre as percepções dos conflitos e violências no ambiente escolar. Analisa-se como eles constroem discursos e narrativas acerca dos conflitos e o que classificam como atos e comportamentos violentos. Também percebe-se como são encaminhados os conflitos e se a mediação e/ou conciliação torna-se possível para a solução das diferenças. A alteridade é balizadora do debate e fonte de tensão e conflito. Vê-se, assim, a necessidade de pensar a escola como um espaço plural e facilitador na solução de conflitos, onde os jovens aprendam a conviver com a diversidade, a tolerância e o diálogo.

**Palavras-chave:** juventude, conflitos, escola, mediação, violência.

The article **Youth Interpretations of Conflicts and Violences at the School** presents of high school students about their perceptions of conflict and violence in the educational environment. The aim was to analyze how they construct their discourses and narratives about the conflicts and what kind of actions and behaviors they consider as violent. Likewise, we intended to understand how conflicts are managed and what extend the possibility of mediation and/or conciliation become a potencial resource for the solution of differences. We conclude with the need to think the school as a place for facilitation and guidance.

**Keywords:** Youth, Conflict, School, Mediation, Violence.

## Introdução

O presente artigo apresenta alguns resultados da pesquisa intitulada “Juventude, Conflitos e Consensos: Percepções de jovens sobre conflitos, violências e resolução pacífica de conflitos”<sup>1</sup>, projeto que contou com financiamento do MCT/CNPq, realizada entre 2010 e 2013 e que teve como objetivo realizar um estudo com alunos do ensino médio de duas escolas públicas do município de Seropédica – Rio de Janeiro, analisando como esses jovens percebem e relatam os conflitos e violências que permeiam o cotidiano escolar. A proposta foi analisar como os jovens e suas culturas juvenis que ali se organizam identificam e vivenciam formas de conflitualidades constituídas na escola a partir de disputas e interações entre alunos. Por conseguinte, a pesquisa também buscou compreender como são encaminhadas as soluções dos conflitos e em que medida a possibilidade da mediação e conciliação torna-se um recurso possível; identificando se existe, no ambiente escolar, algum encaminhamento adequado para a mediação dos conflitos.

Recebido em: 30/08/2013

Aprovado em: 28/07/2014

1 Este projeto de pesquisa teve início a partir das experiências de observação em escolas públicas de Seropédica proporcionadas pelo Subprojeto de Ciências Sociais Pibid – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência/Capes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O projeto Pibid teve como eixo norteador as temáticas “Multiculturalismo, diversidade e conflitos nas escolas”; Edital 2009.

O caminho metodológico adotado foi realizar um estudo a partir de observação em escolas e dentro da sala de aula, com alunos das três séries do Ensino Médio, buscando compreender como eles classificam e relatam os conflitos sociais e as violências que vivenciam dentro da escola. As técnicas de pesquisa utilizadas em conjunto com o trabalho de campo foram a realização de cinco grupos focais, a aplicação de 253<sup>2</sup> questionários e a realização de 30 entrevistas individuais com roteiros semiestruturados. Para este artigo serão utilizados apenas alguns dados da pesquisa quantitativa e as narrativas dos alunos nos grupos focais.

## Perfil dos alunos e das escolas

Inicialmente importa considerar o perfil dos alunos nas duas escolas pesquisadas. Esse perfil será apresentado a partir dos dados quantitativos gerados pelos 253 questionários que foram aplicados nas duas escolas. Desse universo pesquisado 68% são mulheres e 31% são homens, sendo 91% alunos na faixa etária de 15 a 19 anos. De maneira geral podemos observar a predominância de mulheres no ensino médio nas duas escolas, contudo é importante destacar que uma das duas escolas é voltada para a formação pedagógica, chamada comumente de escola “Normal” onde se concentra um número maior de discentes do sexo feminino.

Grande parte dos alunos, 55% dos entrevistados, é morador de Seropédica, incluindo seus bairros mais distantes; todavia, há também nas escolas moradores de outros municípios vizinhos de Seropédica e que podem chegar até a 30 quilômetros de distância da escola. Isso demonstra a escola como canal de aproximação e interlocução de jovens de diferentes localidades e bairros. Importa ainda considerar que Seropédica é considerada Região Metropolitana do Rio de Janeiro, mas também classificado por alguns pesquisadores como parte da Baixada Fluminense, região com renda *per capita* mais baixa. Dos alunos pesquisados, 80% possuem renda familiar média de R\$1 mil a R\$2,5 mil reais mensais.

Quanto às escolas pesquisadas, ambas ficam na região central do município de Seropédica e são coordenadas pelo governo estadual. A primeira escola é muito maior em espaço físico e número de alunos, funciona nos três turnos e ofere-

2 A aplicação do questionário foi realizada dentro da sala de aula nas três séries do ensino médio nos turnos da manhã e da tarde, através de uma seleção aleatória das turmas do ensino médio. Dessa forma, há uma distribuição dos dados nessas três séries, entretanto o número de alunos inscritos no primeiro ano é significativamente maior do que os alunos do segundo e do terceiro ano, indicando uma evasão escolar nas séries finais do ensino médio (43,9% dos respondentes eram alunos do primeiro ano do EM; 29,6% do segundo ano do EM e 26,5% do terceiro ano do EM).

ce ensinos Fundamental e Médio. A segunda escola é menor, funciona em dois turnos e oferece ensino fundamental e ensino médio (formação de professores). De maneira geral, observamos na primeira escola maior organização didática em relação ao cumprimento do projeto pedagógico previamente estabelecido, um constante acompanhamento dos alunos e das atividades realizadas cotidianamente por parte da direção e da orientadora educacional. Já na segunda escola havia maiores problemas em relação à falta de professores, à ausência de um projeto pedagógico conhecido e praticado por todos, além de muitas narrativas de conflitos interpessoais entre alunos, alunos e professores e alunos e direção.

### **A narrativa como expressão das experiências vividas**

O objetivo central deste texto é apresentar as falas e os dados obtidos por meio de uma enquete sobre a percepção das situações de violência e conflito no ambiente escolar. O estudo é voltado à análise das narrativas e discursos que os jovens têm sobre as situações conflitivas vivenciadas nas escolas pesquisadas. A perspectiva do trabalho não foi produzir ou utilizar uma definição de conflito ou de violência segundo interpretações consolidadas no campo das Ciências Sociais, mas compreender de que forma os jovens dessas escolas utilizam e classificam seus comportamentos como violentos ou produtores de divergências.

Pesquisas no Brasil voltadas a questão das violências nas escolas abordaram o comportamento violento de jovens no espaço escolar, destacando aspectos diversificados e múltiplas motivações em relação às violências comuns entre os alunos e praticadas por eles; destacam, ainda, as violências dirigidas aos professores; àquelas dirigidas ao patrimônio da escola; ou mesmo com influência direta do território no qual a escola está inserida – como a influência do tráfico e das gangues/galeras do entorno (GUIMARAES, 1998; ZALUAR, 2001; ABRAMOVAY, 2002; BURGOS, 2009).

Sposito (2001), em levantamento bibliográfico realizado com base em diferentes trabalhos de pesquisa que na década de 1990 discutiram a temática da violência nas escolas, aponta o incipiente interesse acadêmico sobre a questão.

Segundo ela, grande parte dos estudos identifica o aumento das incivildades nas escolas como uma característica da crise do processo civilizatório das sociedades contemporâneas; marcas de uma profunda crise da eficácia socializadora da educação escolar. Assim, os estudos vêm demonstrando um padrão de sociabilidade entre os alunos marcado por agressões e práticas violentas (físicas e não físicas), sinalizando um conjunto de insatisfações manifestadas pelos alunos diante de sua experiência escolar e, ao mesmo tempo, as dificuldades das unidades escolares em criar possibilidades de conduzir os conflitos no âmbito da convivência democrática.

Charlot (1997) *apud* Abramovay (2002) discute o conceito de violência escolar classificando-a em três níveis. a) violências: como golpes, ferimentos, roubos, crimes, vandalismo; b) incivildades: humilhações, palavras grosseiras e falta de respeito; c) violência simbólica ou institucional: representando a violência das relações de poder entre professores e alunos, além da imposição de conteúdos alheios ao interesse dos jovens e da insatisfação profissional dos professores com a indiferença dos alunos.

O presente estudo não tratará de classificar formas ou tipologias das violências, mas se propõe a identificar, nas falas dos alunos, as situações que estes constroem como conflitivas. Assim, seguindo uma orientação fenomenológica (SCHUTZ, 1979) partimos das experiências narradas pelos jovens e das formas como interpretam e narram suas experiências, e o conteúdo destas, no seu cotidiano.

Nesse sentido, é importante refletir sobre o aluno através da dimensão do indivíduo e sua identificação com esse espaço de sociabilidade. Tradicionalmente a escola é definida como espaço de socialização e formação do indivíduo, sempre destacada como espaço para uniformização e normatização de comportamentos. Recentemente a questão das subjetividades dos indivíduos e de suas diferenças entrou na pauta dos estudos sobre escolas e podemos perceber nesse movimento um interesse dos pesquisadores em refletir sobre o aluno através de outros olhares e dimensões, o que vem abrindo novas perspectivas para a pesquisa educacional. Um olhar sobre a relação dos jovens com a escola, problematizando suas possíveis interferências nos modos como se constroem como jovens (DAYRELL, 2012).

A vivência do conflito é mais uma das inúmeras experiências cotidianas que os jovens tiveram no ambiente escolar, pois, sendo a escola uma instituição social está propensa, por excelência – na medida em que comporta inúmeros indivíduos por horas seguidas –, a conter o conflito como parte do processo de socialização e interação dos indivíduos. Entretanto, o tema conflito e diferenças sempre foi abafado nesse espaço; como se nela não coubesse. Como já observado, a própria prática de abafar o conflito e ocultá-lo é comum na sociedade brasileira como forma de encobrir nossas desigualdades sociais (KANT DE LIMA, 1996).

As falas dos alunos sinalizam o entendimento da violência como um fenômeno social multifacetado que abarca diferentes formas de manifestações, sejam físicas, morais, psicológicas, marcadamente um fenômeno cultural com expressões simbólicas. Na escola, um dos principais espaços de socialização dos indivíduos, vivenciam-se cotidianamente diferentes situações de conflitos e de violências, e os jovens que nela passam parte do seu dia constroem sentidos e narrativas para essas experiências.

Um aspecto importante que se apresentou durante todo o trabalho foi como a questão da convivência com os colegas e com as diferenças é significativamente ressaltada por eles. A necessidade, ou não, de reconhecer o outro e de conviver no mesmo espaço com respeito é mote central das formas de compreensão do conflito. Dessa forma, como essa alteridade no convívio é percebida? A questão da alteridade é, nesse sentido, fonte permanente da tensão e do conflito, a balizadora do debate, e é sobre isso que este trabalho vai tratar a seguir.

## **Juventude e escola: relatos sobre os conflitos**

Uma característica importante observada durante todo o trabalho de campo e realização das entrevistas foi a descrição dos alunos da escola como espaço de convivência e interação social. Sabemos que a escola é um espaço privilegiado de construção de redes e relacionamentos sociais, local onde esses jovens passam um terço do seu dia e constituem seus *habitus*. De acordo com Bourdieu (1996), podemos considerar o *habitus* como fruto das estruturas so-

ciais herdadas e também como escolhas do indivíduo que são mediadas por disposições herdadas e aprendidas nos grupos de socialização (família, escola, amigos, grupos). Assim, consideramos a escola como *locus* privilegiado para compreender processos de identificação e subjetivação dos jovens que dela participam. Pois a escola representa nas sociedades modernas uma instituição de formação e educação, sendo também geradora de socialização e integração social, ela promove uma dimensão ampla da formação e construção de consciência e identidade coletiva.

Nesse sentido, os jovens das escolas estudadas ressaltam que veem nela um local da diversidade de grupos e identidades, seus relatos destacam que a escola é composta de jovens com diferentes “gostos, religiões, atitudes, estilos musicais, vestimentas, personalidades”, entre outros, tornando-se essa diversidade um desafio para a convivência. Segundo eles, a maior parte dos conflitos é oriunda dessa diversidade e da intolerância às diferenças. Alguns relatos são ilustrativos dos conflitos que têm origem nas diferenças entre os grupos e nas formas de acusar o outro:

B: Sei lá, eu acho que é inveja até por a pessoa tá bem-arrumada, eu já sofri de inveja também na escola, pessoa tá bem-arrumada, ter um estilo diferente da outra, causa um conflito que pode gerar até a violência.

A: Então, é como ele disse no início, como ele falou, muita gente também zoa, faz gracinhas pelo jeito que a pessoa se veste, pelo jeito que ela é (...) (Grupo Focal 1, Escola CP).

F: Tem conflito pra caramba, na escola fica assim, o pessoal julga um e outro, na rua também, o pessoal ameaça bater no outro, “ah você tá ouvindo funk, vou te dar umas porradas”.

B: Não há respeito em ambas as partes, o funkeiro vai criticar vai criticar o roqueiro.

I: [o conflito] É o não respeito às diferenças.

J: quando uma pessoa tem uma ideia e querem cortar essa ideia, como se fosse a força, né!! (Grupo Focal 2, Escola CP)

A: Como ele falou no caso (o conflito) é a agressão verbal, vem a zoação, começa assim, aí depois de um ponto vai evoluindo até que chegue a ser violência. (Grupo Focal 1, Escola CP)

Em todos os grupos focais foi perguntado aos alunos o que seriam conflitos e quais motivos podem provocar o conflito. Em geral, os alunos afirmam que o conflito faz parte da dinâmica social, algo comum e normal na escola, com o qual as pessoas devem lidar na medida em que há diferenças de opiniões e interesses; porém o conflito é também fortemente percebido como etapa inicial para formas mais agressivas, resultando em violência, segundo algumas falas:

E: No caso do conflito, ele seria um grau mais leve assim da violência, imagino que seja mais relacionado à forma verbal do que a um conflito corporal, uma violência (Grupo Focal 1, Escola CP).

A: Bem, eu acho que o conflito é gerado por muitas opiniões diferentes, quando duas opiniões são manifestadas no mesmo momento diferente, então eu prefiro ouvir, baixar a cabeça, se minha opinião for pedida eu me manifesto.

C: Conflito pra mim é o início de uma violência. O conflito é o início de uma violência. (Grupo Focal 3, Escola CP)

J: Acho que a discórdia causa muito conflito, principal motivo é a discórdia, uma pessoa fala uma coisa, às vezes nem é um conflito tão grave, só no fato de eu falar alguma coisa e você não concordar já tá tendo um conflito de pequena intensidade, mas sempre tem um conflito.

C: É, um conflito é tipo assim, uma discussão, mas também um conflito pode gerar uma violência, duas pessoas se estouram, aí acaba acontecendo. (Grupo Focal 2, Escola TR)

J: Conflito é diferente de violência, opiniões diferentes geram conflito, se o conflito persistir é que pode gerar violência.

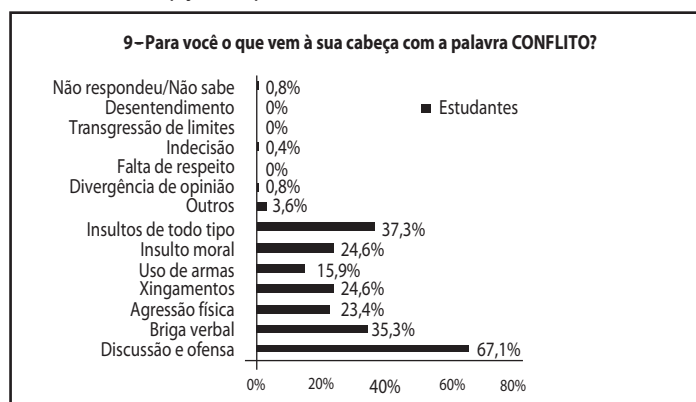
H: No caso do conflito, ele seria um grau mais leve, assim, da violência, imagino que seja mais relacionado à forma verbal do que a um conflito corporal (...) (Grupo Focal 1, Escola TR).

**Referência nas Ciências Sociais para pensar os conflitos sociais, Simmel (1983) considerou de forma positiva o conflito, ressaltando a normalidade e importância dos conflitos na sociedade, lembra que o conflito também é uma forma de sociabilidade e cria intera-**

ção dos oponentes. No conflito desenvolvem-se regras de conduta e formas de expressão das divergências, e, além disso, há nele uma função unificadora, pois aproxima pessoas e permite uma socialização pelo conflito. Por isso favorece um comportamento socializado através das diferenças, promove regulação social através de normatização e determinação de normas e regras de convivência entre os agentes em conflito. Se seguirmos a leitura de Simmel, os conflitos relatados no ambiente escolar seriam caracterizados como parte da vida escolar e comum entre os jovens. Caberia, então perguntar se assim são percebidos os conflitos no ambiente escolar estudado, e, de que forma o encaminhamento desses conflitos podem (ou não) ser produtores e fomentadores de consensos e diálogos entre eles.

Uma das perguntas do questionário aplicado foi sobre a percepção da palavra conflito, sendo permitido ao aluno marcar uma ou mais das opções listadas, ou mesmo apontar outras situações<sup>3</sup>. Na Tabela 1, a seguir, percebemos que quando perguntados sobre o que vem à sua cabeça quando se fala em conflitos, a maioria, 67%, apontam as discussões e ofensas; 37%, insultos de todo tipo; e 35%, briga verbal. Destaca-se que todas as formas de insultos, xingamentos, discussões, ofensas, briga verbal são destaques nas respostas e que outras opções que indicariam diferenças e são resultados de sociabilidade e interação pouco aparecem.

Tabela 1 – Percepção da palavra conflito



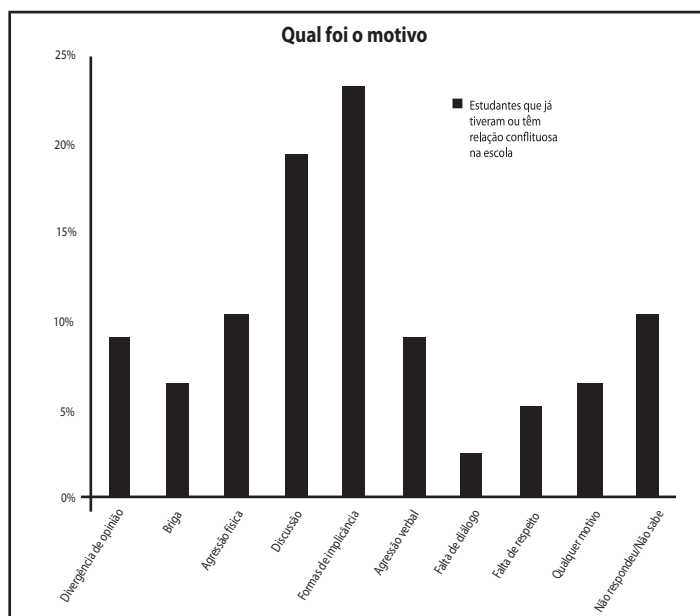
Fonte: Pesquisa CNPq, 2012

3 Em todas as perguntas fechadas havia a opção aberta "Outros, qual?". Após a tabulação dos dados dos questionários todas as respostas abertas que entraram na opção "outros" no formulário foram codificadas e transformadas em categorias fechadas para apresentação nas tabelas. Importa ainda ressaltar que nessa pergunta era possível marcar mais de uma opção de resposta.



Quando questionamos sobre a ocorrência do conflito, isto é, se já haviam presenciado ou participado de um conflito, o resultado foi significativamente diferente. Para aqueles que responderam que presenciaram ou participaram de algum tipo de conflito na escola solicitamos que descrevessem o que ocorreu. Os relatos apontam para as mais diversas formas de implicância entre colegas, com 23%; discussões por diferentes motivos, 19%; agressão física, 10%; agressão verbal, 9%; e divergência de opinião, 9% (Tabela 2).

Tabela 2 - Motivação do conflito que vivenciou



Fonte: Pesquisa CNPq, 2012.

Os dados e relatos coletados pela pesquisa permitem salientar que parte significativa dos conflitos constitui-se pela linguagem, o que torna a fala um poderoso instrumento para o insulto e acusação do outro. No mundo da vida e das experiências partilhadas por esses jovens, a linguagem, em muitas situações, não é utilizada como um instrumento de consenso, voltada para o entendimento e ação comunicativa, conforme preconiza Habermas (1999). Mas, ao contrário, a linguagem torna-se um meio para violência e desmoralização do colega. Sobre as agressões verbais e sua relação com atos de violência, os alunos relataram:

D: Mas às vezes a agressão verbal machuca mais do que a física!  
 I: A agressão verbal evolui para a física...  
 D: É, começa lá na verbal, que ninguém chega dando um soco na cara do outro, né... Tem toda aquela discussão antes, né? (Grupo Focal 2, Escola CP)

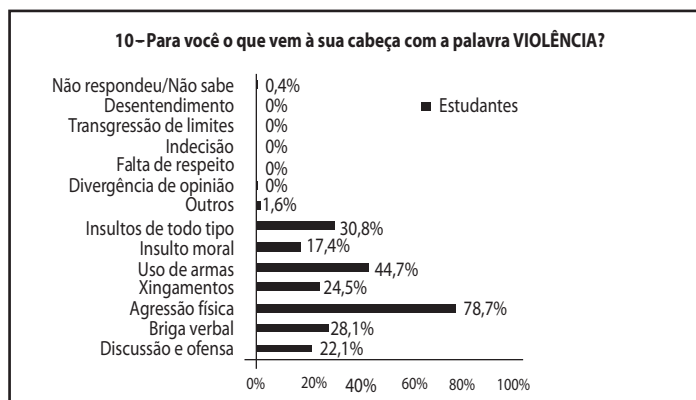
H: Violência é xingar uma pessoa. Como eu posso falar... você está violentando verbalmente uma pessoa. (Grupo Focal 3, Escola CP)

J: Aqui vejo violência mais verbal do que física. (Grupo Focal 1, Escola TR)

C: A vai da violência física até a verbal, com uma simples palavra você pode agredir muito mais ela do que se você desse um soco. (Grupo Focal 2, Escola TR) Juventude e escola – relatos sobre violências

Perguntados sobre as situações de violência na escola, os alunos associaram principalmente a estas situações as formas de agressão física e o uso de armas. Observa-se na Tabela 3 que agressão física foi marcada por 78% dos respondentes e o uso de armas, 44%. Seguem-se os insultos, 31%; xingamentos, 24%; briga verbal, 28%; e discussão e ofensas, 22%, que são parecidos entre si.

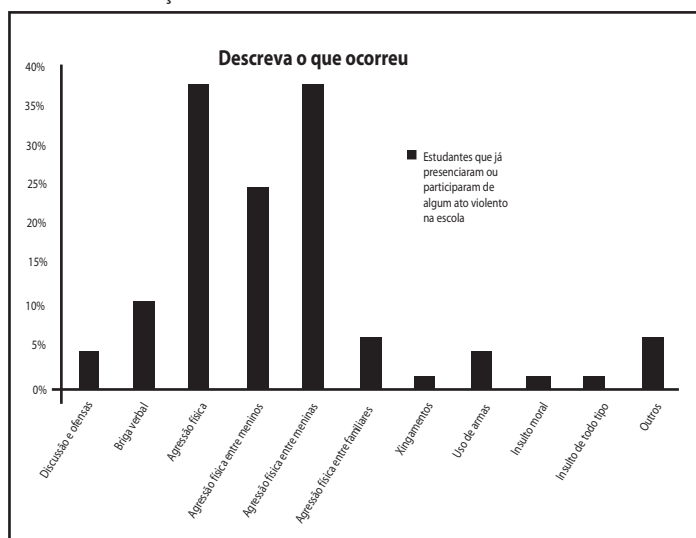
Tabela 3 – Percepção de violência



Fonte: Pesquisa CNPq, 2012.

Perguntamos também se já haviam presenciado ou participado de algum ato de violência na escola. Quase 60% dos entrevistados disseram que nunca presenciaram nem participaram de atos de violência na escola, 6% disseram que já participaram e 23% presenciaram. Para esses últimos, perguntamos quais foram os motivos que geraram a violência; suas respostas foram abertas e depois de classificadas em grupos destacam para a agressão física em geral, agressão física por gênero, além das discussões e brigas entre colegas (Tabela 4)<sup>4</sup>.

Tabela 4 – Situações de violências vivenciadas



Fonte: Pesquisa CNPq, 2012.

Nos relatos dos grupos focais sobre como percebem a violência na escola, os alunos disseram:

E: A violência, ela, na maioria, às vezes ela é gerada pelo mesmo, é sempre o mesmo motivo, confrontozinho pequeno que vai crescendo quando vê já tá numa forma que quase não tem controle mais, então pra mim tanto na escola quanto fora da escola o mesmo motivo gera a violência (...) (Grupo Focal 2, Escola CP)

J: Pra mim existem os dois, a violência física e a verbal. A verbal na conversa pode te abalar, a física é a parte que tem agressão. (Grupo Focal 2, Escola CP)

4 Importa ressaltar que a maior proporção de respostas relativas à agressão física entre meninas se deve ao fato elas serem mais representadas no estudo.

D: Por falta de respeito ocorre violência. Desde o momento que eu respeitar a outra, o outro, não vai existir violência, entendeu?  
H: Quando um agride o outro, né. Quando é só o conflito eu falando pra ela e ela falando pra mim, é um conflito. Mas quando ataca, começa a violência. (Grupo Focal 3, Escola CP).

G: Violência é agressão.

F: Pode ser física ou verbal.

H: Falta de respeito também é violência.

B: Pra mim a principal forma de violência é a falta de respeito (Grupo Focal 1, Escola TR)

Nesse contexto, torna-se importante fazer algumas considerações da forma como a questão de gênero apareceu nas respostas dos questionários e grupos focais. Durante toda a pesquisa os jovens entrevistados apontaram para as diferenças entre as brigas de meninos e as de meninas. Segundo eles e elas há muita diferença, pois os motivos são diferentes e as formas de “brigar” também. As meninas brigam por causa de namorados, paqueras e por reconhecimento na escola, entendendo reconhecimento como status e liderança entre as colegas de classe ou de turno. A conflituosidade se expressa nas paredes pichadas do banheiro com acusações como “Fulana é piranha”, “Fulana é puta e vagabunda” ou nos xingamentos públicos nos momentos onde todos se encontram coletivamente (hora da entrada, saída e intervalos de aulas). A questão da sexualidade é frequentemente acionada na acusação, melhor dizendo, acusação de que a outra é quem usa o corpo como uma prostituta, como moeda de troca, é a mais grave acusação e mais acionada entre as meninas. Isso causa indignação naquela que foi acusada e por questão de honra esta deve “tirar satisfações com a outra”. Daí muitas brigas e agressões originarem-se como temáticas e motivações diferenciadas por gênero.

No caso dos meninos eles relatam que as brigas entre rapazes são muito diferentes das brigas de meninas, pois não utilizam os xingamentos e tampouco as acusações pejorativas, assim, resolvem tudo no futebol. O esporte é utilizado como meio para extravasar as diferenças e os conflitos pendentes. Nos grupos focais, os rapazes disseram que na aula de educação física, ou nos intervalos onde podem jogar futebol, é o momento para se resolver os problemas de homens. Os discentes disseram usar durante o jogo de futebol

um “carrinho”, um esbarrão forte, um empurrão para “resolver” suas diferenças; porém não fica apenas no empurrão, o agredido revida e é muito comum dar início a uma briga mais violenta. Segundo os relatos sobre o futebol eles comentam:

G: Na escola eles se aproveitam da parte da bola, na educação física, aí começam a jogar bola, dão uns empurrões no outro, aí vão chutar, chutam a bola no outro, aí já começa a discussão, quando vê já tá na porrada.

G: Bola é assim, é o menino com outro, assim, um não gosta do outro, aí aproveita quando tá jogando bola na quadra, aí começa, empurrando, xingando.

J: Isso é normal no futebol com homem.

D: É, muito conflito no futebol, por isso que eu acho que cada um deve ter seu time e falar do seu time. ( Grupo Focal 2, Escola CP)

E: Jogar bola, os garotos aqui costumam jogar bola. Começa a jogar bola, aí um toma a bola do outro. Começa a jogar bola, aí tá todo mundo aqui embaixo, daqui a pouco vê todo mundo subindo correndo, o quê que aconteceu? Ah, fulano chegou em mim com força, me derrubou, não sei o quê. Sempre é jogando bola, sempre assim, aí porque que fulano joga fazendo assim, na cara de todo mundo, aí quem tá pra trás e toma uma mãozada na cara já fica: “Pô, vou dar uma nele também. Aí quando vem, já dá um chute nele. Quer dizer, a pessoa já joga, não é na intenção de jogar futebol pra se divertir, é na intenção de machucar alguém e tentar ser melhor que o outro. (Grupo Focal 1, Escola CP)

B: Não, foi isso mesmo que aconteceu, uma brincadeira no futebol e tal, a pessoa, sei lá, se sentiu agredida, foi e resolveu levar pro lado da agressão corporal mesmo, entendeu? Aí o outro só se defendeu agredindo verbalmente. Mas também não deu em nada, não chegou na direção, não deu em nada. Muitas das vezes o que acontece não chega na direção, entendeu? Aí o colégio nem fica sabendo (Grupo Focal 2, Escola TR).

### **Das situações narradas dos conflitos entre meninas destacam-se, como exemplo:**

A: E essa, essa briga também é exemplo de conflitos, pois antes, antes da menina que é minha amiga, a Monique que bateu, antes dela ir lá, essa menina já tinha virado e falado pras amigas: Ah, ela é uma pira-

nha, que não sei o quê, ela é isso, ela é aquilo.” Aí ela pegou, a Monique, chegou uma vez e falou pra ela: “Olha, você não me chama disso porque você não me conhece, e tal e tal. Ela virou e tornou a chamar. D: Outra história que eu conheço aqui, teve uma briga, briga tem bastante aqui na escola, que eu particularmente vejo é muito briga de mulher, bastante briga de mulher, aí a inspetora lá de baixo foi tentar separar e também levou um tapa, mas ela “interuiu” na briga, ela separou as duas meninas.

D: Sempre é por causa de namorado (...)

E: Não, é porque é assim, vai uma lá no banheiro escreve: Fulana é piranha. Aí a outra vai lá no banheiro e bota: Assinado fulana de tal. Aí outra vai lá no banheiro e lê. “Ah! tá me chamando de... Fulana você também é piranha.” Aí começa, aí passa uma pela outra e começa uma esbarrando na outra, uma mandando recadinho pela outra, debochando, e quando vê já tão emboladas pela escola. A maioria das vezes é isso: parede do banheiro. É muito no banheiro, muito nome, uma xingando a outra. Não adianta, pode ir lá pintar hoje, amanhã já vai tá muito nome de novo. (Grupo Focal 1, Escola CP)

Um aspecto importante observado nas falas dos alunos são as narrativas de “zoação” dos colegas. Por “zoação” eles entendem as situações onde um colega da escola ou mesmo um grupo implica, faz acusações ou debocha do outro pelos mais diferentes motivos, pode ser pela roupa que o colega está usando, a forma do cabelo, os acessórios utilizados, o estilo musical, o time de futebol pelo qual torce, entre outros. Curioso é que, segundo os alunos, essa forma de “zoação” é entendida como *bullying*. De fato, muitos se apropriaram do termo para definir as formas de implicância e deboches que estão presentes na escola, inclusive com os novos alunos recém-chegados. A pesquisa em nenhum momento usou o termo *bullying*. Observou-se, no entanto, como o termo penetrou no linguajar dos alunos, que utilizaram-no frequentemente para descrever formas de preconceitos nas escolas, de tal modo que o termo é usado por eles como explicação para as formas de segregação e discriminação de qualquer colega no ambiente escolar. Alguns destacaram que todo conflito começa no *bullying* que ocorre na escola, e que também gera violências física e verbal. Assim comentam:

A: Implicância é o que mais tem nessa escola, eu pratico uma certa implicância, sim, com um grupo de meninas que eu não gosto, no caso, e elas também não gostam de mim pelo que parece. (Grupo Focal 2, Escola TR).

Estudante J: O *bullying* também causa violência, causa o conflito, no caso a pessoa fica constrangida por certos tipos de apelidos, dentro de sala de aula isso acontece muito. Dentro da minha sala de aula acontece de assim a discriminação tanto racial, entendeu? Uma pessoa, assim... Trocas de apelidos. É o *bullying*, entendeu? Assim gera conflitos, entendeu? E daí a pessoa por sofrer esse *bullying*, ela não vai gostar, muitos vão ficar na dele, mas outros já quer resolver de outras formas outras maneiras, o que leva à violência.

Estudante I: O *bullying* assim, pra mim, ele fica na parte mais do conflito só que nem sempre fica no conflito como ela falou, a pessoa não aguenta, tem uma hora que a pessoa acaba explodindo, aí já parte pra violência, pra mim o *bullying* faz parte do conflito e da violência, tanto pra um quanto pro outro. (Grupo Focal 3, Escola CP).

Interessante observar a importância, para a discussão sobre o conflito, que têm as identidades entre grupos, muitas vezes marcadas pelos gostos musicais. Muitos destacaram a formação dos grupos pelo tipo de música que ouvem e a opção das vestimentas que o estilo musical proporciona. Entretanto, percebe-se que essa adesão a um estilo musical é bastante volátil e segue sendo intercambiável com outros estilos. A identidade de grupos e amigos que andam juntos é muito forte para demarcar fronteiras de proteção em situações de conflito. Nos momentos em que as diferenças aparecem é que o grupo torna-se um forte aliado para a blindagem dos outros. Nesse caso um aluno afirma que em situações de briga: “Quando é de amigo meu eu entro no meio, separo. Se não for, saio de perto” (Grupo Focal 1, Escola TR).

Ao final do questionário foi indagado aos alunos quais seriam os principais motivos para ocorrerem os conflitos especificamente na escola. Os principais motivos apontados foram: 47%, as brigas entre colegas; 12%, brigas de fora da escola que vêm parar na escola; 14%, disputas de grupos na escola; e 12%, preconceitos entre colegas. De igual modo

perguntamos para eles quais seriam os principais motivos de ocorrerem violências na escola. Na percepção dos alunos, os motivos que levam às formas de violências são: 46%, as brigas entre colegas pelos mais diversos motivos; 17%, as disputas de grupos na escola; 14%, as brigas de fora da escola que reverberam dentro da escola; 14%, os preconceitos entre colegas dentro da escola.

Vê-se que as respostas às duas perguntas colocadas são muito parecidas, mostrando que, na percepção dos alunos, os mesmos motivos gerariam conflito e violência. Nessas respostas, as situações de brigas e divergências entre colegas ganham destaque nas diferentes formas de se perguntar sobre as motivações dos conflitos nas escolas. De igual modo, os conflitos e violências originados por disputas entre grupos e/ou preconceitos. Esses resultados são importantes para pensar a conflituosidade como convivência das diferenças e a possibilidade de redução dessa violência pela promoção de políticas que fomentem espaços de diálogos e de facilitação da mediação dos conflitos sociais.

Abramovay realizou no ano de 2000, com financiamento da Unesco e de outras instituições e agências de fomento do país, uma grande pesquisa em 14 capitais do Brasil sobre violência nas escolas. Responderam os questionários 33.655 alunos, 3.099 professores e 10.255 pais, além de inúmeros grupos focais e entrevistas individuais com os diferentes atores sociais que vivenciam o espaço escolar. Com base nos estudos, Abramovay (2002) classificou as diversas situações de conflitos expostas pelos informantes: 1) violência contra pessoa, verbal ou física: as ameaças, brigas, violência sexual, coerção; 2) violência contra propriedade: furtos, roubos e assaltos; 3) violência contra o patrimônio: o vandalismo e depredação das instalações escolares.

Seus dados apontam a ameaça como a mais comum forma de violência na escola, que consiste na promessa explícita de provocar danos ou violar a integridade física ou moral, a liberdade e/ou os bens de outrem. Alunos e professores apontaram que um dos principais motivos das ameaças dos alunos contra professores são as desavenças ocasionadas por problemas de notas e pelas falhas disciplinares.



Em segundo lugar aparecem as brigas tidas como acontecimentos corriqueiros. Elas devem ser analisadas com sobriedade e multiplicidade de sentidos e condutas; o mais comum nas escolas são as situações limites de bate-boca e discussões. Os relatos da pesquisa afirmam que num primeiro momento essas ocorrências, como xingamentos e agressões verbais em geral, são pensadas mais como precursoras de ocorrências graves do que como práticas violentas em si; e quando ficam no limite do enfrentamento verbal podem se resolver com o diálogo. Mas há casos que começam com troca de ameaças, ofensas e provocações, agravando-se até chegar às agressões físicas. E muitas vezes as brigas começam como continuidade de brincadeiras entre alunos, havendo situações em que a própria brincadeira, em sua natureza, envolve a violência. Briga-se pelo futebol, pelos apelidos colocados, pelas notas e muito mais. Contudo, dentre os fatores que, segundo a pesquisa, desencadeiam as brigas, está o “encarar”: o olhar direto e insistente é assumido como desrespeitoso e desafiador que leva a confrontos.

Quando ocorre uma situação de briga entre alunos, a reação mais frequente é o incentivo pelos colegas, em segundo lugar vem a tentativa de separar os envolvidos e, por último, recorrem às autoridades escolares. Destaca-se, ainda, que o futebol é citado muitas vezes como desencadeador de práticas violentas, principalmente entre os meninos, referindo-se a ele como acertos de contas.

Esses dados apresentados por Abramovay (2002) são bastante parecidos com os relatos de alunos sobre situações de conflitos e violências coletados nas escolas de Seropédica. As brigas, as agressões verbais, as ofensas, ameaças e a conflituosidade gerada pelas diferenças de grupos indicam a necessidade de a escola reconhecer-se como espaço de conflitualidade e ainda ser promotora de diálogos e mediações. Sposito (1998) afirma, ainda, que há um nexo direto entre a violência e a quebra do diálogo, uma falha na capacidade de negociação. Sendo assim, talvez seja importante nos perguntarmos por que as escolas costumam abafar o conflito ou não reconhecer sua importância na dinâmica da vida escolar. Negligenciar os conflitos existentes faz com que não se reconheça neles um importante instrumento de aprendizado para a vida social, além da possibilidade da transmissão de conhecimentos sobre as diferenças e respeito aos direitos coletivos.

## A escola como mediadora de conflitos

Interessava na pesquisa saber em que medida a escola interfere na resolução dos conflitos quando estes chegam à direção. Assim, perguntamos aos discentes que tipo de encaminhamento ocorre, por parte da escola, quando a direção é acionada. Entre as respostas que mais foram apontadas estão (com a possibilidade de marcar mais de uma opção): 44%, a escola chamou atenção dos alunos; 26% disseram que a escola não fez nada; 22% disseram que os pais foram chamados; 17% apontaram que ocorreu algum tipo de resolução do problema; e 4% marcaram que foi aplicada uma punição. Todavia, nas falas dos alunos nos grupos focais há certo ressentimento pela ausência da escola na mediação dos conflitos escolares:

F: Ah, no máximo vai na coordenação, conversa, e só!

G: Muitas vezes [a escola] nem sabem quando acontece alguma coisa, os diretores são muito desligados da escola, tudo que vai perguntar lá na coordenação não sabem informar.

I: Quem faz alguma coisa pra separar, resolver, são os próprios alunos.

H: Ano passado teve um problema com o Conselho Tutelar. Antes ninguém sabia de nada, a providência só é tomada em caso extremo.

A: Aqui é terrível, teve uma briga, a diretora olhou e saiu, não fez nada.

B: Parece que esperam que aconteça algo pior. Geralmente chega na sala, vai pra coordenação, conversa e depois sai, se acontecer de novo aí chama os pais. (Grupo Focal 1, Escola TR)

E: Aí quando chegam na direção o que acontece? Aí senta a diretora, dá esporro, esporro, esporro, esporro, esporro, no pai e na mãe da pessoa, mas assim não tem aquele diálogo chegar e conversar: "A situação que está acontecendo é isso, isso, isso e aquilo." Pra chegar num acordo, aí chega aqui, enche o ouvido da mãe, e a mãe sai daqui com a cabeça cheia, chega em casa e bate no aluno, aí o aluno fica com aquilo na cabeça: "Pô, minha mãe me bateu porque eles falaram isso e aquilo."

E: Bom, eu até hoje vejo pessoas passando, zoando a outra no corredor, eu não vejo ninguém da escola fazendo, se intrometendo

em nada, eu acho que a escola ela só se intromete mesmo quando chega a ponto da violência, agora quando é conflitozinho, fica um ofendendo o outro assim, eu não vejo eles entrando com atitude em nada, só quando é dentro de sala que eles percebem que tá passando do limite, aí sim, aí eu pelo menos eu nunca vi aluno, aluno indo pra secretaria, assim ficar lá por causa de tá ofendendo o outro, não. (Grupo Focal 1, escola CP)

Perguntamos se os alunos souberam ou haviam participado de algum tipo de atividade voltada à prevenção/resolução de conflitos e violências: 58% dos alunos disseram que não haviam participado e desconheciam qualquer atividade voltada para essas questões, e 35% disseram que conheciam ou já haviam participado. Para aqueles 35% que responderam positivamente perguntamos qual foi a atividade realizada: 61% apontaram a participação em palestras; 15%, os trabalhos em grupo; 13%, oficinas na escola; 6%, alguma campanha; e 6% assistiram uma peça teatral.

A maior parte dos alunos fez algumas considerações críticas sobre a falta de assistência da escola na mediação de conflitos no ambiente escolar. Segundo eles, a escola só está presente quando há situações de violência explícita. A falta de diálogo com a escola, a saber, diretores, inspetores e professores, faz com que eles afirmem que na escola está apenas o papel repressivo e quase nunca preventivo. Alguns chegam a sugerir que a escola assuma um papel de protagonista, com maior participação nas dinâmicas de sala de aula e na interlocução mais constante com os alunos.

A hierarquização do espaço escolar aparece em diferentes falas, inclusive nos momentos que discutem resolução de conflitos. A escola aparece arbitrando decisões nas disputas e brigas entre alunos e, em muitos casos, deixando insatisfeita uma das partes, que não se sentiu “ouvida” e com o pleno direito de defesa. A advertência verbal para o (a) aluno(a), ou a advertência para os pais, é a forma mais comum de resolução dos conflitos que foi relatada. Em nenhum caso relatado de conflitos e brigas a escola aparece como mediadora ou facilitadora para a resolução dos conflitos. Os jovens afirmam que na maioria das vezes isso é resolvido entre eles e ressentem-se da presença da mediação escolar.

Durante a pesquisa, percebeu-se que na segunda escola o número de problemas com alunos é significativamente maior e a direção assume uma postura menos participativa. Por outro lado, na primeira escola, percebeu-se uma maior preocupação em tomar ciência da dinâmica entre as turmas e de seus problemas. Chrispino (2007) afirma que a expansão do ensino trouxe para o mesmo espaço alunos com diferentes vivências, com diferentes expectativas, valores e hábitos. O conjunto dessas diferenças que estão no espaço escolar são causadoras dos conflitos; contudo, a escola permaneceu a mesma de décadas atrás e apresenta uma clara dificuldade de lidar com os conflitos, principalmente no que tange a sua incapacidade de identificar as circunstâncias que originam ou redundam dele. Para o mesmo autor, o conflito deve ser visto como uma manifestação comum nas relações sociais e produtor de vantagens como: o reconhecimento das diferenças, a compreensão da perspectiva do outro, produtor de cooperação e regulação social. Por conseguinte, afirma que a maneira de lidar com o conflito escolar ou educacional é que irá variar entre as escolas. Algumas tratam como instrumento de crescimento e outras interpretam como um grave problema que deve ser abafado. A mediação na escola pode induzir a uma reorientação das relações sociais, a novas formas de cooperação, de confiança e de solidariedade; formas maduras e democráticas para resolver as diferenças pessoais ou grupais.

### **Algumas considerações finais**

O objetivo deste trabalho foi apresentar as falas dos alunos de duas escolas públicas de Seropédica sobre suas percepções de formas de conflitos e violências. Observamos que, ao serem perguntados sobre o que é um conflito e o que é uma violência, os alunos apresentaram a tendência de relacionar as duas categorias. Apesar de diferenciarem conflito de violência, ao darem exemplos, ambos se aproximam, sendo o conflito com frequência colocado como o antecessor da violência. Pelo que foi possível analisar dos discursos, o conflito é algo cotidiano na dinâmica da escola e, segundo eles, é motivado principalmente por discordâncias e diferenças

de opiniões, ofensas entre colegas, xingamentos e ameaças, “zoação” e apelidos. Nas perguntas sobre a percepção de violência, a violência física aparece em evidência, normalmente as brigas na escola com agressão física, porém grande parte dos entrevistados cita também a violência verbal. Além disso, assim como o conflito é considerado uma etapa anterior à violência, a violência verbal é considerada a predecessora da violência física, criando uma linha contínua entre o conflito e as formas de violência apresentadas.

A violência interpessoal vivenciada pelos atores escolares favorece a manifestação de violências físicas, demonstrando a importância de se criarem estratégias para seu enfrentamento. A violência escolar neste estudo representa a dificuldade que existe no ambiente escolar de se relacionar com o outro, e mesmo dialogar com o outro aparece como o não reconhecimento da opinião, dos valores, da forma de expressar a identidade dos colegas ao seu redor. A instituição escolar é um espaço de socialização e transmissão de conhecimentos, mas não está isenta de vivenciar os conflitos de diferentes naturezas, pois existe nela uma polifonia, a possibilidade de expressão de diversas falas e formas de expressão, o local da alteridade. Contudo, ela deve reconhecer que existem os conflitos em seu espaço e compreender-se como espaço privilegiado para produção de diálogos, consensos e mediações.

Por fim, destacamos a necessidade de pensar a escola como um ambiente para facilitação e orientação sobre formas adequadas de resolução e conflitos. Um espaço plural, onde os jovens aprendem a conviver com a diversidade, deve ser também o espaço da tolerância e do diálogo. O ressentimento dos alunos com a falta de participação da escola na prevenção e resolução dos conflitos leva-nos a pensar a necessidade de essas temáticas serem inseridas na formação do professor e nas políticas públicas de educação. Fomentando, dessa forma, espaços de pluralidade e facilitação de diálogos, mediação de conflitos e cultura de paz.

## Referências

- ABRAMOVAY, Miriam [e] RUA, Maria das Graças. (2002), *Violência nas escolas*. Brasília, Unesco.
- BURGOS, Marcelo [e] PAIVA, Angela. (2009), *A escola e a favela*. Rio de Janeiro, Editora PUC-Rio/Pallas.
- CHRISPINO, Álvaro. (2007), “Gestão do conflito escolar: Da classificação dos conflitos aos modelos de mediação”. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Vol. 15, nº 54, pp. 11-28.
- DAYRELL, Juarez. (2012), “Juventude, socialização e escola”. Em: DAYRELL, Juarez; NOGUEIRA, Maria Alice; RESENDE, José Manuel [e] VIEIRA, Maria Manuel (orgs). *Família, escola e juventude, olhares cruzados Brasil-Portugal*. Belo Horizonte, Editora UFMG.
- GUIMARAES, Eloisa. (1998), *Escola, galeras e narcotráfico*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ.
- HABERMAS, Jürgen. (1999), *Teoría de la Acción Comunicativa I*. Buenos Aires, Taurus Humanidades.
- KANT DE LIMA, Roberto. (1996), “A administração de conflitos no Brasil: A lógica da punição”. Em: ALVITO, Marcos [e] VELHO, Gilberto (orgs). *Cidadania e violência*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ/FGV Editora.
- OLIVEIRA, Adriana Dias. (2011), “Violência escolar e as sociabilidades contemporâneas”. Trabalho apresentado no XV Congresso Brasileiro de Sociologia, Curitiba.
- SIMMEL, Georg. (1983), *Simmel: Sociologia. Coleção grandes cientistas sociais*. São Paulo, Ática.
- SPOSITO, Marília Pontes. (1998), “A instituição escolar e a violência”. *Cadernos de Pesquisa*, nº 104, pp. 58-75. Disponível (on-line) em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/n104/n104a05.pdf>
- \_\_\_\_\_. (2001), Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. *Educação e Pesquisa*, Vol. 27, nº 1, pp. 87-103. Disponível (on-line) em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v27n1/a07v27n1.pdf>

ZALUAR, Alba [e] LEAL, Maria Cristina. (2001), “Violência extra e intramuros”. Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS), Vol. 16, nº 45, pp. 145-164.

**NALAYNE MENDONÇA PINTO** ([nalaynemp@terra.com.br](mailto:nalaynemp@terra.com.br)) é professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ, Brasil) e pesquisadora do INCT/CNPq Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos (InEAC). É doutora e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, Brasil) e é bacharel e licenciada em ciências sociais pela UFRJ.